

Companhia Bandeirantes de Armazens Gerais

Capital Cr\$ 180.000.000,00

Reservas Cr\$ 81.990.501,10

ARMAZENS PRÓPRIOS

M A T R I Z

Rua do Comércio n.º 43
S A N T O S

F I L I A I S

L i n s — M a r i l i a
S A O P A U L O

rante os seis primeiros meses, isto é, o chamado primeiro semestre do ano-convenção, semestre esse que vai de 1.º de outubro a 31 de março. Caso perca essa exportação, poderá exportar mais 200 mil sacas no segundo semestre".

Acôrdio a longo prazo

Resaltou o presidente do IBC que o acôrdio com os consumidores deverá ser de 4 a 5 anos com obrigações. Os Estados Unidos fazem parte do grupo de estudos do café, que é a grande comissão que negociará o acôrdio a longo prazo.

"Os Estados Unidos — assinam — através do Secretário de Estado Michael Blumenthal, que esteve no Brasil a convite do convênio realizado no Rio de Janeiro, presidem a primeira comissão que vai redigir o convênio. O Brasil foi eleito na minha pessoa para ser presidente do grupo e o sr. Blumenthal é o presidente da Primeira Comissão desse grupo de estudos. Eu acredito que em muito pouco tempo, e não exageraria se dissesse que dentro de 2 meses, já tenhamos o projeto do acôrdio a longo prazo a ser apresentado aos governos.

"Foi nomeada já uma pequena comissão, da qual faz parte também o Brasil, representado pelo dr. Ronaldo Costa, que é diplomata e chefe do Departamento Econômico do IBC, que já vai voltar a Washington para recomear a redação do primeiro anteprojeto. Os princípios a que deve obedecer o convênio já foram definidos. Os trabalhos prosseguem num ritmo bastante rápido. É desejo de todos encontrar uma solução permanente para o problema cafeeiro sobre o seu aspecto de mercado. Eu acho que a cobertura dos Estados Unidos será muito valiosa, sobretudo porque com eles irão os grandes países consumidores".

Dificuldades

Observou o Embaixador Frazão que houve dificuldades com relação aos países da América Central. "Há um desejo de colocação de cafés suaves por parte de seus produtores, que está atendendo menos as possibilidades da demanda. Os países centro-america-

nos se encontram atualmente com safras bastante importantes, superiores às do ano passado". Resaltou que, todavia, a unidade latino-americana não saiu ferida nessas negociações. "Tenho a impressão — ajuntou — de que estas asperezas poderão ser bastante suavizadas no decorrer das negociações para o convênio a longo prazo. O mercado está preparado para esta conjuntura, mas não desejamos mais continuar a ser o fornecedor residual do mercado internacional.

"O Brasil acompanhará a conjuntura do mercado e o plano de comercialização da safra 61-62 nos dá uma grande rapidez e uma grande agilidade de manobra. Nós temos esperanças de que os preços se estabilizem. O Brasil não forçará os mercados, mas também não manterá os famosos "guarda-chuvas" de outrora, para que outros andem muito e nós continuemos a perder a nossa posição no fornecimento mundial. A nossa política é uma política de cooperação, mas é de estrita vigilância. Cooperação não pode significar sacrifício por parte do Brasil. Poderá significar um sacrifício proporcional por parte do Brasil, mas desde que haja uma consciência de cooperação internacional. O governo brasileiro e para falar em nome pessoal, o IBC, não quer viver artificialmente no mercado internacional. Nós buscaremos sempre uma estabilização, mas não seremos apanhados de surpresa, caso esses nossos concorrentes e os nossos amigos não tenham esses mesmos pensamentos cooperadores".



Cotas de distribuição

Ao lhe perguntarem se o IBC vai reformar o seu registro de declaração de venda e atualizar os preços com a taxa de distribuição obrigatória, respondeu: "Não, isto não significa que nós alteremos os nossos registros de declaração de venda. Quanto à atualização das taxas de contribuição das cotas de contribuição entre as safras anterior e a atual, o IBC já apresentou algumas indicações à SUMOC. Isto é uma decisão que deverá ser tomada pelas autoridades financeiras, de vez que as taxas foram estabelecidas pela 205. Foi a instrução que liberou as cambiais do café e que instituiu a taxa de contribuição de 22 dólares. Na realidade, essa cota de contribuição é como que a parte que a superprodução paga à exportação no Brasil, ou melhor, para que uma saca de café possa ser exportada, necessita o governo adquirir a fim de que os preços não aviltem as sacas que ficam.

"O dinheiro da cafeicultura voltará à cafeicultura e será exclusivamente empregado na defesa do mercado interno. Essas contas estão claríssimas. Qualquer um de vocês poderia fazê-las. É verificar quanto se exportou a partir do dia 15 de maio. Sobre cada saca exportada incide uma taxa de contribuição de 22 dólares. Isto forma o fundo de aquisição para os cafés remanescentes e excedentes, isto é, para os cafés que não vão ao mercado segundo o plano de safra e para aqueles cujas características não possam ser exportadas por quilo, ou a demanda internacional não seja suficientemente grande para que nós os coloquemos. Eu acho que seria conveniente que a SUMOC, as autoridades financeiras, pudessem dizer alguma coisa a esse respeito. Nós vamos precisar incentivar ao máximo a nossa exportação. Os cafés da safra velha, quatro meses e meio depois da esquematização do nosso processo de comercialização de safra nova, tem mercado certo. Há demanda para esses cafés, como há demanda para os cafés da safra nova. Facilitar as exportações na medida do possível só será um benefício à defesa cambial e não acredito que haja nenhum ajustamento de preços".

Remanescentes de safra

Revelou mais adiante que o governo tem intenção de adquirir os excedentes e remanescentes da safra, que devem atingir de 15 a